



EDITORIAL

Construir é o que nos move

São 79 anos de história. Mas, acima de tudo, são 79 anos de consistência.

Ao longo de quase oito décadas, a Carioca construiu sua trajetória apoiada em pilares que permanecem inegociáveis: excelência na execução, disciplina na gestão e valorização das pessoas. Esses fundamentos atravessaram ciclos econômicos, transformações profundas no setor e diferentes momentos do país. Sempre sustentando a nossa evolução.

Nada disso seria possível sem uma cultura forte. Uma cultura que valoriza o coletivo e que entende que resultados duradouros são construídos por pessoas comprometidas. Preservar essa essência, em um ambiente cada vez mais exigente e competitivo, não é apenas um desafio, é uma escolha diária.

O futuro da Carioca será construído a partir desse equilíbrio: honrar a nossa história e, ao mesmo tempo, evoluir. Evoluir na forma de pensar, de executar, de inovar. Fortalecer processos, desenvolver lideranças e estar preparado para um cenário mais complexo, com margens mais pressionadas e decisões cada vez mais estratégicas.

Temos orgulho do caminho que nos trouxe até aqui, mas não somos movidos apenas pelo que já foi feito. Somos movidos pelo que ainda podemos construir.

Seguimos construindo. Com responsabilidade, consistência e visão de longo prazo.

E com a certeza de que temos um legado enorme e muitas histórias ainda estão por vir.

Daniel Rizzotti

Diretor Geral





METRO A METRO: A ENGENHARIA POR TRÁS DA CONSTRUÇÃO DA ESTAÇÃO GÁVEA

Longe do olhar de quem passa pela superfície, uma obra avança em silêncio — mas com precisão extrema. A construção da estação Gávea, na Zona Sul do Rio de Janeiro, liderada pelo Consórcio Construtor Gávea, formado pela Carioca Engenharia e pela Odebrecht Engenharia e Construção, reúne alguns dos principais desafios da engenharia urbana contemporânea: escavações em ambiente densamente ocupado, controle rigoroso de riscos e decisões orientadas por dados em tempo real.

Retomado após anos de paralisação, o projeto voltou a ganhar ritmo e hoje conta com cerca de 250 profissionais atuando em operação contínua, 24 horas por dia, avançando metro a metro. “Cada etapa exige um nível de precisão muito alto. É uma obra de repetição, disciplina e controle”, explica Jayme Aguiar, gerente de engenharia da Carioca.

Um dos primeiros desafios foi o esgotamento da água acumulada ao longo dos anos de interrupção: foram cerca de quatro meses de operação, com vazões que chegaram a 50 a 60 metros cúbicos por hora ao final do processo. “Antes de retomar, a gente precisou entender exatamente em que condição estava a estrutura. O esgotamento foi uma etapa crítica para garantir a estabilidade e permitir o avanço da obra”, afirma Jayme.

Em paralelo, foram realizadas vistorias cautelares em cerca de 1.200 imóveis no entorno, além da intensificação do monitoramento estrutural — etapas essenciais para garantir segurança e transparência. “Esse controle é fundamental em uma obra inserida em área urbana. A gente precisa dar previsibilidade e segurança para quem vive próximo”, complementa.

Com previsão de inauguração em julho de 2028, a estação será a mais profunda do sistema metroviário do Rio de Janeiro, com cerca de 52 metros. Para viabilizar sua construção, uma das soluções adotadas foi a escavação de um túnel piloto — uma galeria de dimensões reduzidas construída antes da abertura principal. Esse túnel funciona como uma espécie de “ensaio” da escavação: facilita avaliar as condições geológicas, identificar fissuras e presença de água, aliviar tensões da rocha e estruturar a logística da obra. “Criar o túnel piloto foi um divisor de águas. Ele permite retirar o material escavado com caminhões e dá mais fluidez à operação. Hoje trabalhamos com cerca de 30 a 40 caminhões por dia.”, destaca Wagner Cruz, Coordenador de Produção. Cerca de 70 metros desse túnel foram escavados para realizar a interligação com a estação São Conrado.

Após essa etapa, a obra entrou em um dos processos mais sensíveis: as detonações controladas. Realizadas em um ambiente urbano, elas exigem planejamento milimétrico e comunicação constante com o entorno.

O processo começa com marcações topográficas precisas, seguidas pela perfuração da rocha e carregamento dos explosivos. Após o isolamento da área, é feita a detonação e, na sequência, a limpeza do local. Em seguida, são instalados tirantes e telas metálicas para garantir a estabilidade da escavação, e aplica-se concreto projetado para proteção da estrutura. “Todo o ciclo precisa acontecer em menos de 24 horas. É um processo contínuo, onde cada etapa impacta diretamente a seguinte. Qualquer desvio pode comprometer prazo, custo e segurança”, continua Jayme. Cada ciclo de detonação compreende um avanço na perfuração da rocha que varia entre 1,20 e 1,40 metro.

Essa coordenação se estende também à relação com a vizinhança. Antes de cada detonação, sirenes alertam moradores e instituições próximas, enquanto ações de comunicação ajudam a reduzir impactos. “A comunicação é fundamental. Quando as pessoas entendem o processo e sabem o que esperar, o impacto é muito menor”, afirma.



Tecnologia e dados: o controle que define a eficiência

A complexidade da obra também impulsiona o uso intensivo de tecnologia. Um dos principais recursos é o laser scan, utilizado para mapear com precisão a superfície escavada após cada detonação. O equipamento gera uma “nuvem de pontos” tridimensional que permite identificar desvios em relação ao projeto, como o overbreak — a escavação além do necessário. Esses dados são integrados ao BIM (Modelagem da Informação da Construção), permitindo comparar o previsto com o executado em tempo real.

“O controle da escavação é determinante. Se você escava além do previsto, gera custo adicional — mais material para transportar e mais concreto para aplicar. Em uma obra sem margem, isso faz toda a diferença”, afirma Fernando Caldas, Coordenador de Engenharia da Carioca.

Além disso, testes com tecnologias de medição volumétrica de caminhões estão em andamento, com potencial de trazer mais precisão ao controle logístico e financeiro da operação. “A inovação está em transformar esses dados em gestão. Hoje a gente consegue acompanhar a obra de forma tridimensional, com base em desempenho. Se não houver eficiência, não há como recuperar depois”, complementa.

Ferramentas digitais também vêm sendo utilizadas para gestão de projetos, reduzindo o uso de papel e aumentando a rastreabilidade das informações, além de integrar equipes e clientes em tempo real.

No momento, a obra está em uma nova fase, com a escavação do corpo da estação—, etapa que deve durar cerca de 12 meses e envolver a remoção de aproximadamente 38.000 metros cúbicos de rocha. “Essa é uma fase determinante, porque é quando a gente começa a dar forma à estação. Depois vêm as etapas de estrutura e acabamento”, afirma Jayme.

Mais do que uma nova parada no sistema, a estação Gávea é considerada estratégica para o futuro da mobilidade urbana do Rio de Janeiro. “Não é só mais uma estação. Ela destrava a integração do sistema e amplia o potencial da malha metroviária. É uma obra fundamental para o futuro da cidade”, conclui Fernando.

A expectativa é que, no futuro, a estação atenda cerca de 20 mil passageiros por dia, contribuindo para melhorar a mobilidade entre a Zona Sul e a Barra da Tijuca e reduzir a dependência de outros modais. ⚙️





Imagem: Nuvens de pontos tridimensional

© Sentinel-2, dados de EOX II Services GmbH | © Mapzen

INOVAÇÃO QUE NASCE DO CAMPO: COMO UM TRAINEE TRANSFORMOU DRONES EM FERRAMENTA DE GESTÃO DE OBRAS

A inovação nem sempre começa com uma dor evidente, às vezes, ela nasce da curiosidade, da inquietação e da vontade de contribuir. Foi assim que o engenheiro Diego Henrique de Souza desenvolveu o projeto “Captura da Realidade com Drones Aplicada à Gestão de Obras de Saneamento”, vencedor do InovaInfra 2026, prêmio promovido pela revista O Empreiteiro.

A ideia surgiu quando Diego ainda era trainee e foi convidado para participar do Comitê de Inovação da empresa. Na Carioca, cada trainee integra o Comitê por um semestre para estimular seu envolvimento com a inovação. Em meio a executivos e profissionais experientes, ele se viu diante de um desafio pessoal: encontrar uma forma concreta de contribuir. “Senti que precisava fazer algo para agregar. Aquilo despertou uma vontade de criar alguma solução inovadora”, conta.

A inspiração veio de uma visita técnica a uma obra em São Pedro da Aldeia, no Rio de Janeiro, onde ele teve contato com uma apresentação rica em imagens aéreas e dados visuais. Pouco tempo depois, decidiu investir por conta própria: comprou um drone e começou a explorar suas possibilidades. A partir daí, mergulhou em pesquisas sobre tecnologias aplicadas à construção civil e se deparou com o conceito de digital twin, uma representação virtual dinâmica de um ativo físico.

Embora ainda distante de desenvolver um digital twin completo, Diego identificou uma etapa fundamental desse conceito que poderia ser aplicada de forma prática: a captura da realidade. O projeto consiste em utilizar o drone para registrar centenas — ou até milhares — de imagens de uma obra, que depois são processadas em um software de fotogrametria para gerar um modelo tridimensional altamente fiel ao ambiente real.

“Com esse modelo, a gente consegue navegar pela obra, tirar medidas, calcular volumes e extrair uma série de dados importantes. É como se você estivesse lá dentro, mesmo à distância”, explica. O processo envolve voos automatizados — fundamentais para garantir a padronização e sobreposição das imagens — e o uso de softwares especializados, como o Agisoft Metashape, responsável por transformar as fotos em modelos digitais e nuvens de pontos georreferenciadas.

Na prática, a solução se mostrou especialmente útil para apoiar a tomada de decisão. Profissionais que não estão no dia a dia da obra passam a ter uma visão mais clara e precisa do andamento dos trabalhos. Em reuniões com clientes, por exemplo, o modelo tridimensional ajuda a reduzir dúvidas e aumentar a assertividade nas decisões. “Já tivemos situações em que o cliente estava resistente a uma mudança, mas ao visualizar o modelo, tudo ficou mais claro”, relata.

Outro ganho importante está no acompanhamento da evolução da obra. Embora ainda não seja possível visualizar uma linha do tempo automatizada, os levantamentos periódicos permitem comparar diferentes momentos e entender o progresso ao longo das semanas ou meses.

Apesar do reconhecimento e do prêmio, Diego ressalta que o projeto ainda está em evolução. Hoje, o modelo gerado é estático — ou seja, não se atualiza automaticamente. Para alcançar o nível de um digital twin, seria necessário integrar sensores, dados em tempo real e sistemas capazes de conectar o ambiente físico ao virtual de forma contínua. “O digital twin é algo vivo. Ele permite monitorar e até interferir no que está acontecendo na obra em tempo real. Ainda estamos caminhando para isso”, afirma.

Mais do que uma solução pontual, o projeto aponta para uma tendência mais ampla da construção civil: a chamada Construção 4.0, que integra tecnologia, dados e automação para tornar os processos mais eficientes e inteligentes. “Hoje o uso de drones já está mais acessível, e eu acredito que essa tecnologia vai crescer muito nos próximos anos, principalmente na construção pesada”, diz.

Para Diego, o reconhecimento traz também um novo senso de responsabilidade. “Eu não esperava essa repercussão. É muito gratificante, mas também faz a gente querer evoluir ainda mais. Quem sabe no próximo ano a gente não volta com uma versão ainda mais avançada desse projeto?”, comenta. A trajetória do Diego mostra que a inovação pode vir de diferentes lugares — inclusive de quem está começando. E, quando encontra espaço para se desenvolver, pode transformar não só processos, mas a forma como as obras são pensadas e geridas.

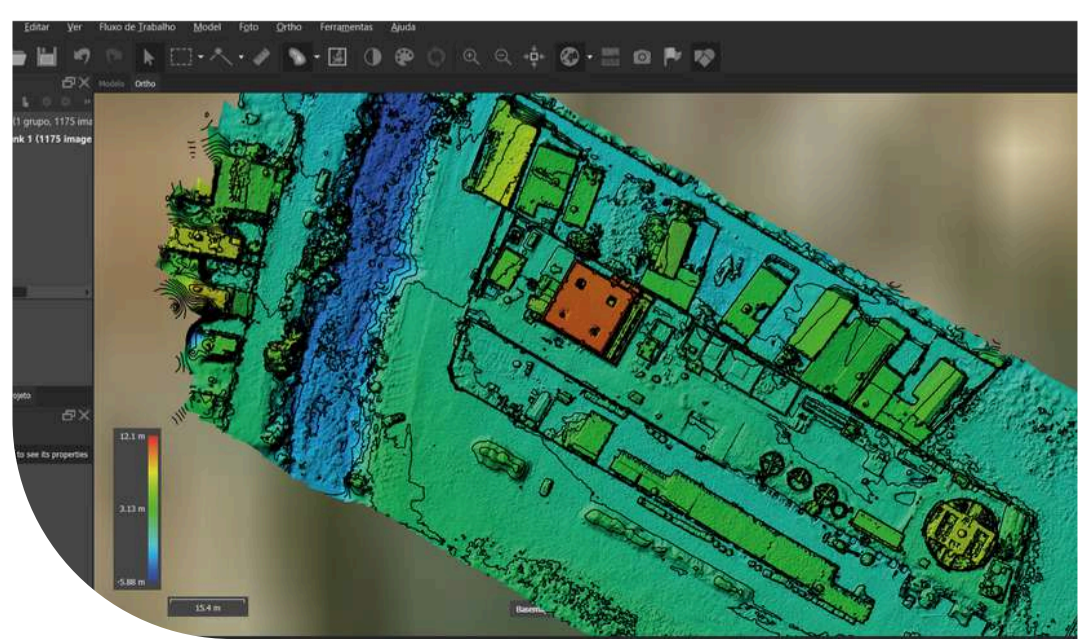
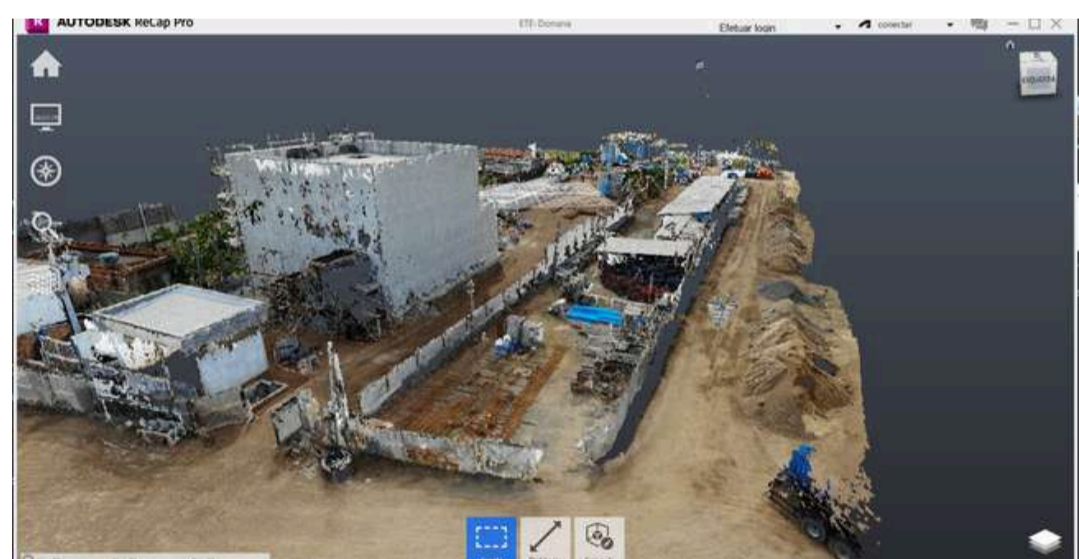
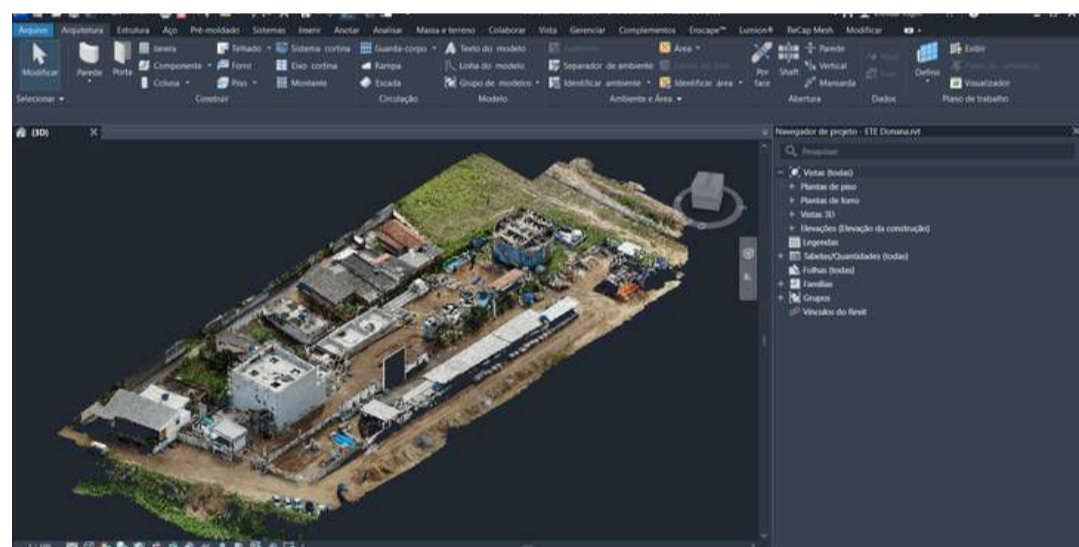
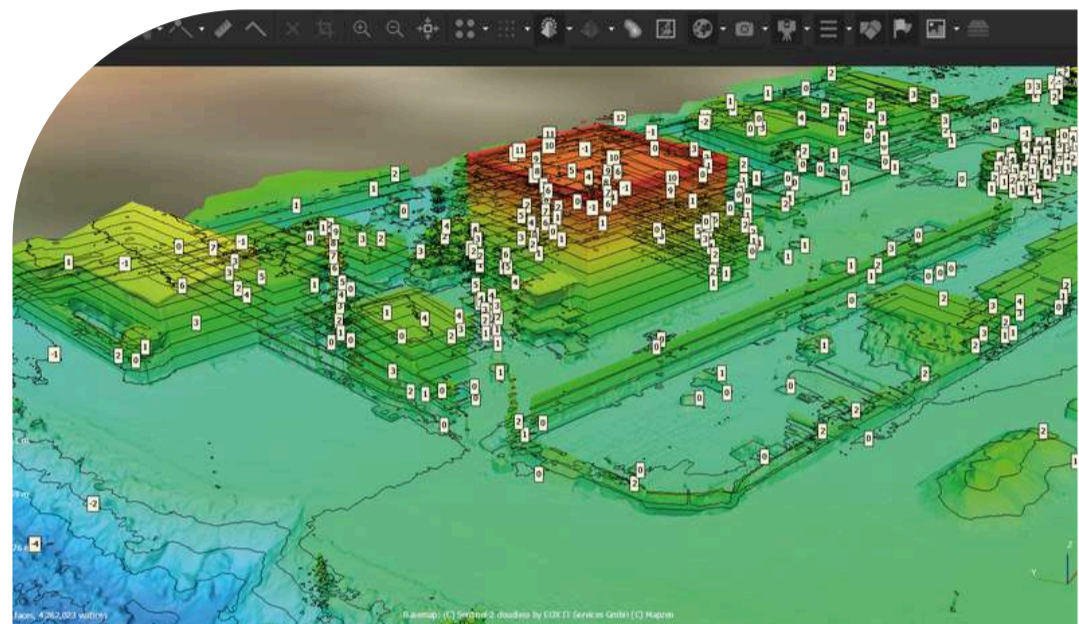
Inovação como Cultura e Protagonismo

O sucesso do projeto de Diego não é um caso isolado, mas o reflexo de uma estratégia que coloca o colaborador como peça central da transformação tecnológica. Para a Carioca, o foco da inovação vai além da tecnologia. Ela também acontece quando ampliamos o protagonismo das pessoas na evolução da companhia, criando um ambiente onde ideias se transformam em soluções que otimizam a performance e abrem novas oportunidades de negócio.

Paula Carvalho, Gerente de Inovação da empresa, destaca o impacto dessa mentalidade: “Temos muito orgulho da adesão ao Carioca Next e, principalmente, da qualidade das iniciativas que vêm sendo desenvolvidas. Projetos como o do Diego, entre tantos outros, reforçam que estamos no caminho certo: construindo, na prática, uma cultura de inovação que já gera resultados concretos”, afirma.

No entanto, Paula ressalta que o amadurecimento dessas tecnologias exige fôlego. “A inovação não é uma corrida de 100 metros, e sim uma maratona. Ela exige consistência, dedicação e, acima de tudo, resiliência.”

Para os colaboradores que estão iniciando seus projetos ou enfrentando desafios em seus testes piloto, ela deixa um incentivo: cada tentativa é parte fundamental da jornada. O aprendizado acumulado em cada etapa é o que fortalece o caminho e impulsiona a empresa a ir cada vez mais longe. ⚙️



Você conhece o Projeto PP?

Ele é a nossa engrenagem para garantir que 2026 seja um ano de resultados excepcionais.

SAIBA MAIS

PROJETO



P DE PERFORMANCE E
P DE BONS PROJETOS

Planejar bem.
Executar melhor.
Superar sempre.

CHAMADOS E
SOLICITAÇÕES

Acesso Rápido



Construindo
Saber



CARIOCA
next

Confira a página do Carioca Next: o seu ponto de encontro com o futuro da engenharia. Acesse agora para cadastrar suas propostas no

Hub
CARIOCA

HUB CARIOCA: A NOVA CENTRAL DE CONEXÃO E CONHECIMENTO

A transformação digital da Carioca Engenharia acaba de ganhar um novo capítulo com o lançamento do Hub Carioca. Idealizado pela área de Inovação, o portal nasce para ser uma central de informações, modernizando a comunicação e garantindo que todos os colaboradores tenham acesso às ferramentas essenciais do dia a dia.

O projeto foi fruto de uma construção coletiva que durou nove meses, iniciada em julho de 2025. Para dar vida à plataforma, Paula Carvalho, Gerente de Inovação, uniu forças com Júlia Ribeiro, Coordenadora de Comunicação, e Renata Costa, Gerente de TI. Juntas, elas desenharam uma solução que integra processos, antes dispersos, em um ambiente único.

“Com o Hub, o colaborador saberá com muito mais facilidade o que acontece na empresa. Também concentramos o acesso aos sistemas que usamos rotineiramente até as solicitações de viagem, comunicados oficiais e aberturas de chamados de TI”, explica Júlia. Para ela, o grande ganho está na praticidade: “Isso otimiza o tempo e traz mais fluidez para a rotina”.

A escolha tecnológica também foi estratégica para garantir que a transição fosse suave para todos. Renata destaca que o projeto foi construído sobre a base do SharePoint, ferramenta já consolidada na rotina da empresa. “Ao utilizarmos uma estrutura que as equipes já conhecem, eliminamos barreiras de aprendizado. O Hub funciona como um ponto único de entrada, integrando o que temos de melhor em um ambiente seguro, organizado e familiar”, complementa.

Construindo Saber: O DNA da Engenharia em um clique

Um dos pilares mais inovadores do Hub é o espaço Construindo Saber. Mais do que uma biblioteca digital, o ambiente é uma plataforma dedicada ao desenvolvimento técnico e à evolução contínua. Ali, o conhecimento acumulado pela Carioca é democratizado e alinhado à estratégia de negócio.

Os colaboradores encontram artigos técnicos assinados pelos próprios engenheiros da casa e outros materiais de referência produzidos internamente. Na prática, a ferramenta funciona como um acelerador de competências. “Um engenheiro que for atuar em uma obra de saneamento pela primeira vez, por exemplo, encontrará no Hub o material necessário para entender os desafios desse tipo de projeto e chegar mais preparado para a realidade do campo”, detalha Paula.

Um organismo vivo em evolução

A plataforma foi concebida para ser um organismo vivo, em constante atualização e crescimento para acompanhar as demandas da empresa.

O futuro reserva camadas mais profundas de aprendizado. Paula Carvalho antecipa que, em breve, o Construindo Saber será o lar da nova estrutura de educação a distância da companhia. “Nossa visão é que o portal abrigue trilhas de capacitação e programas de desenvolvimento técnico produzidos pelo RH com vídeos e cursos estruturados. Estamos criando os alicerces para que o treinamento corporativo acompanhe o ritmo da nossa inovação tecnológica”, finaliza Paula.

Com o Hub Carioca, a empresa reforça que o protagonismo das pessoas agora conta com um ambiente digital à altura para se desenvolver, conectar e evoluir. ⚙️

PROJETOS EM FOCO

ETE TERESÓPOLIS: MARCO HISTÓRICO DO SANEAMENTO NO MUNICÍPIO

A Carioca Engenharia está à frente de uma obra que mudará a realidade de Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro. A construção da primeira Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) do município é um marco histórico para uma cidade que, até hoje, não contava com o tratamento de seus efluentes.

Localizada no bairro Cascata do Imbuí, já atinge 60% de evolução e ocupa uma área de 7.750 m², sendo 2.860 m² de área construída. O projeto carrega a missão de iniciar uma nova era de saúde pública e preservação ambiental na região. Após sua conclusão, prevista para dezembro de 2026, a unidade será capaz de tratar 25,9 milhões de litros de esgoto por dia. Isso significa que 115 mil moradores passarão a contar com um serviço essencial de saneamento, evitando que a carga poluidora hoje gerada chegue ao Rio Paqueta.

A ETE vai operar com a tecnologia Nereda, um sistema reconhecido pela eficiência na remoção de nutrientes sem a necessidade de aditivos químicos. Além do baixo impacto ambiental, essa tecnologia permite que a estação opere de forma compacta e sem gerar odores, garantindo uma convivência harmoniosa com os moradores do entorno.

A primeira ETE de Teresópolis trará impactos positivos que vão muito além do saneamento: desde a melhoria nos índices de saúde infantil até o fortalecimento do turismo, deixando um legado de sustentabilidade para todo o município.





CURTAS



Diego Souza e Paula Carvalho levaram a experiência da Carioca para o palco do Inovalnra, no dia 8 de abril. Além de apresentarem o case "Captura da Realidade com Drones Aplicada à Gestão de Obras de Saneamento", a equipe recebeu o troféu de premiação da 7ª edição do evento. O encontro, em São Paulo, reuniu as principais inovações do setor, colocando o trabalho da Carioca em evidência nacional.

Iniciamos as obras de uma nova Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Itamarati em Petrópolis (RJ), a terceira ETE que construímos na cidade. O projeto utiliza tecnologia de biorreatores combinados com Biobob para o tratamento de efluentes, dimensionado para operar com uma vazão média de 90 l/s quando concluída.



Finalizamos as obras da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Bacaxá, em Saquarema (RJ). A nova unidade já está pronta para tratar 5 milhões de litros de esgoto por dia, atendendo diretamente mais de 35 mil moradores. A unidade opera com um sistema biológico compacto de alta eficiência que elimina a emissão de odores durante o processo. A tecnologia aplicada permite que o efluente seja devolvido ao meio ambiente com qualidade superior aos tratamentos convencionais.

Durante o encontro CREA AQUI, realizado em 19 de março, o Consórcio Construtor Gávea, formado pela Carioca Engenharia e Odebrecht Engenharia e Construção, foi premiado com o Selo de Certificação Empresarial (Nível 1). A nova certificação do Conselho reconhece empresas que seguem rigorosamente as normas técnicas e os padrões de conformidade do setor. Jayme Aguiar representou a Carioca na cerimônia e ressaltou que o reconhecimento é fruto do investimento em boas práticas de engenharia.



Com a inauguração marcada para o dia 29 de abril, as obras da Ponte de Guaratuba avançam para os últimos detalhes. O asfalto da ponte já está totalmente concluído e as equipes agora focam na desmontagem da central de concreto e outros ajustes finais. A entrega simboliza a conclusão de um dos projetos de infraestrutura mais aguardados da região, transformando a logística local.



CARIOCA | 79 anos
engenharia

Legado em Concreto

Uma trajetória que ajudou a construir
a infraestrutura brasileira.

De 1947 até 1979

Um projeto que atravessa décadas

O Legado em Concreto é um projeto editorial que celebra a trajetória da Carioca Engenharia sob uma perspectiva histórica. Dividida em três edições cronológicas, a série percorre as principais realizações da companhia e seu impacto na infraestrutura nacional.

Nesta primeira edição, revisitamos o marco de fundação e os anos 1950, 1960 e 1970; um período de consolidação para a empresa e de participação em obras fundamentais para o desenvolvimento urbano e logístico do país.

Principais marcos



19/02/1947

A empresa é fundada por João Carlos Backheuser em sociedade com o pai, Everardo Backheuser. Foi batizada com o nome de ECEL – Empresa Carioca de Engenharia Ltda.

Primeira Obra da Carioca

Pavimentação da Rua Eça de Queiroz, na Penha (RJ).





Seguiram-se projetos de urbanização de ruas e avenidas no subúrbio do município do Rio de Janeiro nos primeiros anos da empresa.



Restrições financeiras direcionaram o negócio para a pavimentação. O uso do paralelepípedo era econômico e a instalação exigia pouco investimento em maquinário, limitando-se a pás, picaretas e um rolo compressor.

Década de 1950



Compra do primeiro equipamento. O rolo compressor n° 1, conhecido como “Vovô”, em 1950. Foi importado da Inglaterra.

Participou de importantes obras na cidade do Rio, como a pavimentação da Avenida Eptácio Pessoa, a urbanização da antiga Praia do Pinto, a terraplenagem, drenagem e pavimentação da Cidade Universitária e a implantação da Zona Industrial de Santa Cruz, nos seus mais de 30 anos de vida útil.

Atualmente, ele está “aposentado” na Sede da Carioca Engenharia.

1958

Compra do primeiro caminhão, Chevrolet 3100 “Martha Rocha”.



Década de 1960

Para conseguir obras pequenas, porém mais rentáveis, a Carioca conquista obras em subúrbios distantes (Santa Cruz, Campo Grande e Bangu)

1966

Parque de Minério e Carvão da Companhia das Docas do Rio de Janeiro: Primeira experiência fora da pavimentação e urbanização, encomendada pela atual Companhia Docas do Rio de Janeiro, em 1966.

Praça do pedágio Ponte Rio –Niterói (RJ)

A participação nas obras da praça de pedágio da Ponte Rio–Niterói envolveu a execução de serviços de enrocamento e terraplanagem, fundamentais para a preparação e estabilização do terreno. Essas etapas foram essenciais para garantir a segurança estrutural e a durabilidade da infraestrutura, em uma das principais ligações entre a capital e a Região Metropolitana.

Mais do que uma intervenção técnica, a obra contribuiu para a organização do fluxo viário e para a eficiência operacional de um dos mais importantes eixos de mobilidade do estado do Rio de Janeiro.



Década de 1970

Implantação da Zona Industrial de Santa Cruz (RJ)

A Carioca Engenharia foi contratada para drenar, urbanizar e pavimentar certas áreas, permitindo sua ocupação por novos empreendimentos. Foram necessários obras complementares como escavação em rios e canais, enrocamentos em pedra de mão e uso de explosivos para nivelamento de determinados materiais rochosos.

No total, foram urbanizados de cerca de cinco milhões de metros quadrados



A terraplenagem e pavimentação de um trecho da Rio-Santos, em Picinguaba, São Paulo, foi uma obra desafiadora. Não havia acesso por terra. A saída foi alugar uma balsa e levar os equipamentos por mar. Na época eram as únicas máquinas que a Carioca possuía e, se a balsa afundasse, simplesmente colocaria em risco a sua sobrevivência.



Projeto de irrigação em Maniçoba (BA)

A maniçoba é um prato típico da culinária paraense, de origem indígena, frequentemente chamado de "feijoada paraense". O termo também designa algumas localidades, entre elas uma, hoje distrito, no município de Juazeiro, na Bahia. Contratada pela CODEVASF, a Carioca implantou um sistema de irrigação de 4.350 hectares de terras em Maniçoba.

Trata-se de rede de 148 km de canais revestidos em concreto, pelos quais circula água tratada, captada e bombeada do Rio São Francisco, a 30 km de distância.

Também foi construída um amalha de estradas de operação e manutenção com 154 km de extensão. O projeto permitiu grande crescimento e modernização da agricultura local.

BR-367 – Bahia



BR-101 – Bahia

Extensão de 22 km, ligou os municípios de Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália

As duas obras da Bahia representaram o primeiro passo para que a Carioca ganhasse projeção nacional, e logo passasse a executar novos projetos em todo o território brasileiro.



Autódromo Internacional do Rio de Janeiro

Representou uma nova página na história da empresa, por ser uma obra diferente do que a Carioca já tinha feito. Fomos contratados pela Prefeitura do Rio de Janeiro para adequar o Autódromo de Jacarepaguá às exigências da FIA (Federação Internacional de Automobilismo). A cidade ambicionava receber as competições de Fórmula 1.

Foram construídos muros de fechamento, boxes, garagens, bilheterias, torres de controle, portões, arquibancadas e pavimentação em placas de concreto. As obras se estenderam entre 1975 e 1978, quando foi realizada a primeira prova, vencida pelo argentino Carlos Reutemann, secundado por Emerson Fittipaldi.

O autódromo ficou ativo até 2012, quando foi demolido para a construção do Parque Olímpico dos Jogos de 2016.

Urbanização do Riocentro (RJ)

Segundo maior centro de convenções da América Latina, o Riocentro localizado no bairro da Barra Olímpica na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

A Carioca participou de sua implementação em duas etapas. Na primeira, nos anos 1970, realizou obras de urbanização e infraestrutura como redes, galerias, pavimentação e tratamento paisagístico.



BR-101 – Bahia

Durante dois anos, de março de 1979 a fevereiro de 1981, a Carioca executou obras na rodovia BR-101, num trajeto de 60km, entre a interseção com a BR-324 e a cidade de Alagoinhas, na região leste da Bahia.

Os serviços compreenderam escavações, no total de 3,1 milhões de m³, terraplanagem, compactação de aterros, bases em brita, drenagem, proteção de taludes e pavimentação. Foram ainda edificados postos de vigilância para a Polícia Rodoviária Federal.

Grandes obras não marcam apenas o território, eles transformam a história.

Mais do que executar projetos, a Carioca Engenharia segue contribuindo para o desenvolvimento da infraestrutura brasileira, conectando passado, presente e futuro.

O futuro se constrói com o mesmo compromisso do início

Ninguém melhor para narrar a evolução da Carioca do que quem acompanhou de perto cada capítulo dessa jornada. Nesta seção, o Dr. Ricardo Backheuser nos conduz por uma viagem no tempo ao lembrar sua própria trajetória.

É um depoimento que conecta o passado ao presente, revelando os bastidores de uma história construída com dedicação e o compromisso inabalável com a engenharia brasileira.

80 anos de história: pessoas, desafios e o futuro da Carioca

Se eu pudesse voltar ao meu primeiro dia na Carioca, daria a mim mesmo alguns conselhos que, ao longo dos anos, se mostraram fundamentais — e que continuam atuais. O primeiro deles é simples, mas decisivo: nenhuma empresa cresce sem um time engajado. Mais do que formar equipes, é preciso construir um ambiente em que as pessoas se sintam parte de algo maior. Foi assim que nasceu o que sempre chamamos de “família Carioca”. Esse espírito de pertencimento sustentou a empresa nos momentos mais difíceis e foi determinante nas conquistas.

O segundo ponto é disciplina. Atenção permanente aos custos, aos preços e ao planejamento. Uma obra mal orçada pode comprometer todo o resultado. Construção exige rigor — e isso nunca mudou. E há um terceiro pilar que considero inegociável: qualidade. Quando existe cuidado em cada detalhe, a resposta do cliente vem naturalmente. Qualidade não é diferencial. É obrigação.

Ao longo dessa trajetória, cada obra teve sua importância. Todas deixam marcas, especialmente nas comunidades onde são realizadas. Mas algumas, inevitavelmente, também marcaram etapas da evolução da própria empresa. A primeira obra da Carioca, na Rua Eça de Queiroz, na Penha, representa o início de tudo. Durante muitos anos, atuamos principalmente na pavimentação de ruas nos subúrbios do Rio de Janeiro. Era um trabalho essencial, que nos deu base e experiência.

O primeiro grande salto veio com a terraplanagem na zona industrial de Santa Cruz. Foi quando decidimos enfrentar empresas maiores, com uma estrutura

ainda muito limitada. Tínhamos poucos equipamentos e enfrentamos desafios logísticos importantes, mas conseguimos entregar um resultado que mudou o patamar da empresa. Pouco depois, vivemos um momento transformador: a obra em Porto Seguro, em Santa Cruz Cabrália. Pode ter sido pequena em escala, mas foi enorme em significado. Foi a primeira vez que saímos do Rio de Janeiro. E, para mim, teve um valor ainda maior, porque vivi essa experiência ao lado da minha família, em condições simples, em um ambiente ainda pouco estruturado. Foi uma obra que marcou profundamente.

Outro capítulo inesquecível foi a Rodovia Rio-Santos, em um trecho entre Paraty e Ubatuba. Uma verdadeira aventura. Transportamos praticamente todas as máquinas da empresa por balsas — um risco enorme. Se algo acontecesse, comprometeria toda a operação da Carioca naquele momento. Trabalhamos em meio a praias e mata preservada, enfrentando desafios técnicos e logísticos relevantes. E conseguimos.

Essas experiências reforçaram uma convicção: quanto maior o desafio, maior pode ser o retorno — desde que haja preparo, responsabilidade e coragem.

Com o tempo, a empresa cresceu, diversificou sua atuação e passou a participar de projetos cada vez mais complexos e icônicos, muitas vezes em parceria com grandes grupos. Entre eles, o Museu do Amanhã e a Cidade das Artes, além de importantes obras de infraestrutura, como projetos no metrô e o anel rodoviário do Rio. Também expandimos nossa presença para outros estados e enfrentamos desafios

como a construção de um oleoduto na Amazônia, em condições extremamente exigentes.

Mas, olhando para trás, tenho cada vez mais certeza de que as obras contam apenas parte dessa história. O que realmente define uma empresa são as pessoas. Guardo com carinho cada profissional com quem tive a oportunidade de trabalhar. Ao longo dos anos, criamos relações de confiança, respeito e empatia. Muitos cresceram junto com a Carioca, ajudaram a formar novas gerações e levaram adiante os valores que sempre acreditamos.

Um dos momentos mais marcantes da minha vida recente foi o lançamento do meu livro, quando vi reunidos tantos ex-companheiros e companheiros de jornada. Foi uma emoção difícil de descrever. E, claro, carrego comigo a lembrança especial daqueles que já se foram, mas que ajudaram a construir essa história.

Se há algo que nunca pode mudar dentro da Carioca, é o espírito de equipe. Seja em uma obra ou no escritório, é fundamental que as pessoas estejam bem — e que seus colegas também estejam. Esse senso coletivo, aliado à simplicidade, é o que nos diferencia. Naturalmente, existem outros valores essenciais, como a qualidade dos serviços e a responsabilidade com cada projeto. Mas é esse espírito humano que sustenta tudo.

Hoje, já não estou presente no dia a dia da empresa como antes. E esse talvez seja o maior desafio: garantir que essa energia, esse “astral” da Carioca, continue vivo sem a presença física constante de quem ajudou a construí-lo. Tenho confiança na liderança atual, formada por executivos preparados para conduzir a empresa nas próximas décadas.

O futuro exige atenção. O mercado está mais competitivo, as margens são menores e os desafios, maiores. É preciso crescer com responsabilidade, identificar boas oportunidades e manter a disciplina. Nem sempre haverá um caminho linear de crescimento, e isso faz parte. Também é importante reconhecer que o mundo mudou. A nova geração enfrenta um cenário mais complexo do que aquele que encontrei no início. Por isso, será fundamental avançar com equilíbrio, sem perder a essência.

Acredito, acima de tudo, que uma empresa é feita de pessoas. Máquinas, equipamentos e estruturas são importantes, mas são meios. O que realmente importa é ter gente competente e feliz por fazer parte daquilo. Quando penso no futuro, penso grande. Imagino a Carioca completando mais 80 anos, quem sabe chegando a 160 anos de história. É um sonho. Mas é um sonho possível, desde que nunca nos afastemos daquilo que nos trouxe até aqui.

Hoje, olho para trás com orgulho. Foram décadas de trabalho intenso, desafios superados e muitas conquistas. Participei de grande parte desses 80 anos, e talvez por isso, minha presença tenha sido tão marcante.

Mas o mais importante não é o passado.

É saber que a “árvore” plantada lá atrás continua crescendo. E continuará.

Ricardo Backheuser

